

Discurso sobre a mulher no romance *São Bernardo* de Graciliano Ramos

Valvix Miranda de Oliveira Junior¹

Ingrid Bijos de Freitas Aquino Neves²

Resumo: O presente estudo, pautado na perspectiva da Análise do Discurso (AD) e apoiado nos pressupostos teóricos de Eni Orlandi e Louis Althusser, a pesquisa buscou como tema central investigar e elucidar a forma como a personagem-narrador Paulo Honório constrói e expressa o discurso sobre a figura feminina no romance *São Bernardo*, de Graciliano Ramos. A pesquisa demonstrou, por meio da análise de fragmentos textuais, que a narrativa em primeira pessoa serve como um veículo monolítico para a reprodução e consolidação de uma ideologia patriarcal arraigada, refletindo as condições de produção sócio-históricas do Brasil rural na primeira metade do século XX.

Palavras-chaves: Discurso; Paulo; Mulher; Sujeito.

Abstract: This study, based on the perspective of Discourse Analysis (DA) and supported by the theoretical assumptions of Eni Orlandi and Louis Althusser, sought to investigate and elucidate how the narrator-character Paulo Honório constructs and expresses the discourse about the female figure in the novel *São Bernardo*, by Graciliano Ramos. The research demonstrated, through the analysis of textual fragments, that the first-person narrative serves as a monolithic vehicle for the reproduction and consolidation of an entrenched patriarchal ideology, reflecting the socio-historical production conditions of rural Brazil in the first half of the 20th century.

Keywords: Discourse; Paulo; Woman; Subject.

Introdução

A obra *São Bernardo* (2024) do autor Graciliano Ramos é o material do presente gesto de análise, o texto explora diversas questões sociais, políticas e ideológicas como, a luta de classes, reforma agrária entre outros temas. No entanto, o recorte desta análise se concentra na forma como a personagem Paulo Honório que narra a história, observa e descreve as personagens mulheres.

O romance narrado em primeira pessoa, é uma autobiografia da personagem Paulo Honório, ele narra os principais acontecimentos de sua vida e se posiciona em relação ao mundo, e deixa estabelecido o seu lugar de sujeito. Na primeira parte do romance a

¹ Acadêmico do sexto semestre do curso de Letras – UNEMAT/Pontes e Lacerda. valvix.junior@unemat.br

² Mestranda no Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Linguística (PPGL) da Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT), Campus Jane Vanini, Cáceres – MT. ingrid.aquino@unemat.br

personagem estabelece esse lugar e busca expandir seu poder em relação às outras personagens.

A segunda parte do romance a personagem compreende a necessidade de produzir um herdeiro e inicia a busca de uma noiva, a personagem deixa claro que não busca relacionamento para fins românticos, ele conhece e se casa com Madalena, essa que era professora na escola, ela deixa seu posto e vai viver exclusivamente para o seu casamento, dessa relação surge no ser-ficcional a ideia de que sua esposa está o traindo, e dessa paranoia ele cerca a personagem até ela cometer suicídio.

Para isso é necessário compreender as condições de produção, isso que é entendido por Eni Orlandi da seguinte forma: “podemos considerar as condições de produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato e se as considerarmos em sentido amplo as condições de produção incluem um contexto sócio histórico ideológico” (Orlandi, 2015, p. 28). Esses elementos se fazem presentes no romance, a personagem impõe seu poder sobre o restante da população, refletindo o cenário social da região norte do Brasil na primeira parte do século XX, a personagem Paulo Honório é uma representação dos coronéis que concentravam poder, sendo dessa forma, esse poder não se restringia às fazendas que esses possuíam.

Esse poder segue para além do Aparelho de Estado (AE) proposto por Marx, ele vai ao encontro do que propõe Althusser (1970) sobre os aparelhos ideológicos de estado, como o AIE político (o sistema Político de que fazem parte os diferentes partidos), AIE religioso (O sistema das diferentes igrejas) e o AIE familiar como ocorre respectivamente no texto, o personagem manipula as eleições do município, constrói uma igreja em sua fazenda e procura uma mulher para constituir uma família.

Gesto de análise

A personagem ocupa uma posição sujeito de poder, patrão e político, e reproduz um dizer que representa o exposto por Eni Orlandi de que “O indivíduo é interpelado em sujeito pela ideologia para que se produza o dizer (Orlandi, 2015, p.44)”, pois sendo proprietário da fazenda São Bernardo, essa que dá nome ao romance, demonstra no decorrer do texto

abertamente favorável a manutenção das estruturas sociais vigentes, seu discurso não se torna ameno em nenhum momento do texto e sendo o texto narrado em 1^o pessoa pela própria personagem, ele não abre espaço a outras opiniões que não seja a dele. Com a narrativa centrada em seu discurso essa figura claramente autoritária expõe suas perspectivas sobre o mundo e de forma mais específica sobre a mulher, como no seguinte fragmento:

Amanheci um dia pensando em me casar. Foi uma ideia que me veio sem que nenhum rabo de saia a provocasse. Não me ocupo com amores, devem ter notado, e sempre me pareceu que mulher é um bicho esquisito, **difícil de governar** (Ramos, 2024, p. 44, grifo nosso).

A figura de Paulo Honório, enquanto sujeito de poder latifundiário, patrão e político, representativo da figura do coronel, é interpelada pela ideologia dominante, ocupando uma posição-sujeito que lhe confere a prerrogativa de dizer e de governar o mundo ao seu redor. Este lugar de enunciação é o principal motor de seu discurso sobre a mulher, que é sistematicamente objetificada e reduzida a um meio para a manutenção de suas estruturas de poder. A mulher não é vista como sujeito, mas sim como posse, um "bicho esquisito, difícil de governar", cuja principal função se limita à reprodução (gerar o "herdeiro" masculino) e ao cuidado doméstico e moral (ser religiosa e submissa), conforme demonstram as referências aos Aparelhos Ideológicos de Estado (AIE) propostos por Althusser, notadamente o AIE Familiar e, em menor grau, o AIE Religioso.

Nesse sentido a mulher que a personagem busca é mais uma aquisição, sendo ela descaracterizada do papel de humano, ela é só mais um objeto a ser adquirido pela personagem, pode se observar nesse fragmento uma ideologia machista, essa que alicerça a sociedade na qual vive aquela personagem e da qual alicerça também o mundo do autor da obra. Dado que na cultura ocidental no qual as personagens são construídas a mulher é posta em um local de submissão, isso fica exposto na Bíblia, texto esse que fundamenta a sociedade na ordem moral e comportamental, o lugar da mulher na sociedade dentro desse texto pode ser visto nestes fragmentos. “Vós mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao senhor; porque o marido é a cabeça da mulher [...] assim também as mulheres sejam em tudo sujeitas a seus maridos” (Efésios 5:22-24).

A partir do fragmento acima, pode se elucidar como a formação discursiva se faz através de um processo histórico (Orlandi, 2015), Paulo é um sujeito condicionado a buscar nas relações essa mulher que o texto bíblico explicita, a mulher aqui é parte dele, ele é a cabeça, em sua leitura de mundo essa esposa é mais um membro de seu corpo, uma posse, ela

deve ser submissa pois assim é determinado por uma ordem divina. Como disposto no grifo, a personagem busca e espera nessa relação uma posse, e o discurso das outras personagens normaliza esse tipo de relação, “O senhor conhece a mulher que **possui**” (Ramos, 2024, p.113, grifo nosso), a mulher é posse, algo a ser controlado, governado.

Ainda nessa perspectiva, a personagem denota seu lugar de poder ocupado, sendo desse lugar que a personagem estabelece o seu discurso, pois como pontua Eni Orlandi partindo de Foucault.

Devemos lembrar que o sujeito discursivo, é pensado como “posição” entre outras. Não é uma forma de subjetividade mas um “lugar” que ocupa para ser sujeito do que (M. Foucault, 1969): é a posição que deve e pode ocupar todo o indivíduo para ser sujeito (Orlandi, 2015, p.47).

Estabelecido o lugar desse sujeito, a própria personagem tem consciência do lugar, “a culpa foi minha, ou antes, a culpa foi desta vida agreste, que me deu alma de gente agreste” (Ramos, 2024, p. 77), a personagem reconhece que o meio social a conduziu a ser o que ela é, mesmo assim, ela perpetua a ideologia do patriarcado, pois a sua posição é estritamente ligada a esse elemento, é central da formação da sociedade ocidental e isso é transposto para o texto ficcional, isso se apresenta no discurso da personagem, pois como dito, sua posição sujeita exerce um poder sobre o corpo das personagens mulheres no romance, como no seguinte fragmento:

A que eu conhecia era a Rosa do Marciano, muito ordinária. Havia conhecido Germana e outras dessa laia. Por elas eu julgava todas. Não me sentia pois, inclinado para nenhuma: o que sentia era desejo de preparar um herdeiro para as terras de São Bernardo (Ramos, 2024, p. 45).

Este fragmento sucede o posto acima na estrutura do romance, aqui é possível observar dois discursos ideológicos que evidenciam o lugar sujeito da personagem, o primeiro é a relação que ele possui com Rosa, “uma cólera despropositada. Esqueci os presentes que, há alguns anos, a Rosa comeu (pó de arroz, voltas de conta) [...]” (Ramos, 2024, p. 44), a posição sujeito dele, condiciona essa relação com a personagem Rosa, dado a relação de submissão de empregador e empregado, fica evidente o fato de que essas relações de força desigual parte da influência do sujeito.

Na segunda parte do fragmento, aparece de forma clara a ideia de constituição de família na perspectiva do Paulo Honório, a mulher a partir do que a personagem diz é só um

meio para produzir um herdeiro para as suas propriedades, porém isso vem depois de a personagem fazer uma categorização das mulheres que ele havia se relacionado, ficando possível verificar que a personagem idealiza uma mulher para casar, essa casta, pois para manutenção da suas propriedade por seus herdeiros não pode haver dúvida sobre a paternidade, visto que esse elemento se torna crucial no romance.

Esse discurso da personagem vem de uma construção histórica que estrutura as relações entre homem e mulher em relações monogâmicas para as mulheres e produz o controle do homem sobre o corpo da mulher, pois para a manutenção de uma sociedade onde se estrutura através do patriarcado, é necessário que a mulher seja monogâmica, com esse discurso sendo próprio de um recorte histórico recente, pois como argumenta Althusser com AIE familiar, “a Família desempenha manifestamente outras funções para além das de um AIE. Intervém na reprodução da força de trabalho. E, segundo os modos de produção, unidade de produção e (ou) unidade de consumo” (Althusser, 1970, p. 44).

Sendo a família que a Paulo Honório busca constituir uma manifestação de uma função própria de um tempo e das dinâmicas sociais e econômicas estabelecidas, seu filho é o herdeiro de seu poder, a mulher aqui é o meio de seguir o seu legado, sendo meramente um objeto para a reprodução, como no próprio fragmento no qual a personagem manifesta o interesse, a ideia é um filho, pois desinência de gênero “o” no radical “herd” e sufixo “eir”, denota que esse poder que ele construiu só pode ser transmitido a um outro homem, dado também a sua aversão por mulheres que ocupa algum espaço que na dinâmica daquela sociedade é tipicamente masculino, como nesse fragmento, “não gosto de mulheres sabidas. Chamam-se intelectuais e são horríveis” (Ramos, 2024, p. 103), e se torna claro o seu discurso a espaços que não devem ser ocupados por mulheres, e a educação formal é um desses locais. “Mulher de escola normal! O Silveira me tinha prevenido, indiretamente” (Ramos, 2024, p. 106), a mulher na perspectiva da personagem deve se limitar a espaços tradicionalmente dispostos a elas, como o espaço religioso e o espaço doméstico.

A personagem demonstra essa sua visão sobre e a ocupação desses papéis característicos que a sociedade atribuí às mulheres por todo o texto como foi exposto anteriormente, isso se torna mais evidente no fragmento seguinte:

A verdade é que não me preocupo muito com o outro mundo. Admito Deus, pagador celeste dos meus trabalhadores, mal remunerados cá na terra, e admito o diabo, futuro carrasco do ladrão que me furtou uma vaca de raça. Tenho portanto um pouco de religião, embora julgue dispensável num homem. Mas mulher sem religião é horrível (Ramos, 2024, p. 102).

Com base nesse fragmento, a personagem estabelece em sua perspectiva um espaço tipicamente feminino, ele novamente reduz o papel da mulher, pois para além do espaço o discurso da personagem Madalena e suas relações são descredibilizadas por falta de religião, essa transgressão do espaço esperado de um sujeito por outro, rompe na perspectiva do Paulo Honório a ordem estabelecida por ele, dado que mesmo que ele não se associe ao AID religioso, o próprio constrói uma igreja em sua fazenda, e com isso trazendo esse aparato ideológico para perto dele.

Com isso o discurso do AID religioso se torna fundamental pois a transgressão da Madalena, seja pelo distanciamento da religião, seja pela produção intelectual do qual a personagem rechaça seguidas vezes no texto, e ainda no seguimento do fragmento anterior: “Comunista, materialista. Bonito casamento! Amizade com o Padilha, aquele imbecil. “palestras amenas e variadas.” Que haveria naquelas palestras? Reformas sociais, ou coisa pior. Sei lá! Mulher sem religião é capaz de tudo” (Ramos, 2024, p. 102).

A personagem Madalena é esse elemento de transgressão da ordem do sujeito Paulo Honório, como é possível verificar nos últimos fragmentos em comparação aos anteriores, Paulo Honório busca estabelecer o controle de Madalena enquanto propriedade e espera dela atitudes condizentes com o sujeito mulher do início do século XX, como a religiosidade e o silêncio, o discurso de Madalena produz incômodo a Paulo, pois parte de uma figura que ele, cercado do conjunto de ideologias patriarcais, julga ela inferior, pois como disposto ele busca um objeto para produzir seu herdeiro, e Madalena não sendo essa mero objeto, o discurso dele se constrói nas estruturas dispostas nas relações sociais.

Considerações finais

A análise destacou a construção histórica e discursiva que subjaz à visão monogâmica imposta à mulher, com o objetivo de garantir a legitimidade da linhagem e a manutenção da propriedade privada, elementos cruciais no contexto do patriarcado agrário. A aversão do narrador a Madalena, sua esposa, não reside apenas na sua individualidade, mas na sua natureza de sujeito transgressor. Madalena, enquanto professora ("mulher de escola normal") e detentora de produção intelectual e pensamento crítico (sendo rotulada de "Comunista,

materialista"), ocupa espaços e adota discursos que rompem com os limites impostos pelo regime patriarcal de Paulo Honório. Sua falta de religiosidade e seu intelecto são percebidos pelo narrador como ameaças diretas à ordem por ele estabelecida, transformando-a de objeto desejado (para fins de herança) em objeto a ser controlado e sufocado.

Para além do escopo desta análise, sugere-se que estudos futuros possam se aprofundar na Análise do Silêncio e da Polifonia no romance, explorando a materialidade linguística da ausência da voz de Madalena e como o "não-dizer" dela se constitui em um contraponto discursivo à narrativa hegemônica de Paulo Honório. Seria igualmente relevante explorar a intersecção entre o patriarcado e as questões de classe no tratamento das diferentes mulheres citadas (Rosa, Germana e Madalena), a fim de verificar as distintas formas de interpelação ideológica a que cada uma é submetida.

Referências

ALTHUSSER, Louis. **Ideologias e aparelhos ideológicos do Estado**. Lisboa: Editorial Presença; São Paulo: Martins Fontes, 1970.

BÍBLIA. **A Bíblia sagrada**. Tradução de João Ferreira de Almeida. São Paulo: Casa Publicadora Paulista, 2024.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos**. 12. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2015.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. Barueri: Itatiaia, 2024.